



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Faculdade de Educação
Pós-Graduação Lato Sensu

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO
SABERES E PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO

Título: A FORMAÇÃO DO EDUCADOR DE JOVENS E ADULTOS E A
PEDAGOGIA INACIANA

Área: EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Aluno: ANTONIETA CAPPARELLI ADÃO
DRE: 109182363

Orientador: Prof^a Ms. Marta Lima de Souza

FEVEREIRO 2011

Nome do aluno: Antonieta Capparelli Adão

DRE109182363

Título do trabalho: A formação do educador de Jovens e Adultos e a Pedagogia Inaciana

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ms. Marta Lima de Souza
Orientador

Prof. Doutor Elton Palmeira Brandão
Examinador 1

Prof. Ms. Renato Pontes Costa
Examinador 2

Adão, Antonieta Capparelli. A formação do educador de Jovens e Adultos e a Pedagogia Inaciana/Antonieta Capparelli Adão. Rio de Janeiro, 2011, 44f.

Monografia de final de Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Universidade Federal do Rio de Janeiro, CESPEB, 2011.

Orientadora: Prof^ª. Mestre Marta Lima de Souza.

1.Contextualização da Educação de Jovens e Adultos e a Pedagogia Inaciana. 2.O que dizem os educadores: A formação em EJA sob a perspectiva da Pedagogia Inaciana. 3. Caminho: A EJA como campo pedagógico.

Dedico este estudo aos meus alunos, razão e alegria de todo o meu trabalho e motivo de minhas buscas profissionais. Junto com eles me formo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu criador, amigo paciente e fiel. Sabedoria a conduzir os meus caminhos.

A meus pais, seres especiais, Etelvina e Antonio, pelo amor com que me geraram, por desejarem o meu nascimento, pela dedicação e trabalho com que me educaram me transformando na mulher que sou hoje.

A minha orientadora Marta Lima pela disponibilidade, paciência e incentivo na produção deste trabalho. Muito obrigada.

A todo corpo docente e administrativo do CESPEB pela oportunidade oferecida a nós, educadores da EJA, e por acreditarem em sua importância no cenário educacional brasileiro.

Aos queridos mestres Therezinha Machado, Socorro Calháu e José Carmelo Braz de Carvalho, primeiros a apresentar-me a EJA, com seus exemplos de profundo compromisso com o campo, ajudaram a dar o sentido na escolha de minha profissão. Muito obrigada.

A minha irmã Aline e aos queridos amigos Anna Wolter, Teresa Andrade, Francesco Jordani, Maria Pia, Daniela Porte, Rosaline Alves, Eliana Teixeira, Ariolino Monteiro, Maria Heloisa Corrêa e Marta Bella Reis, pela amizade que nos une e pelo constante apoio em todos os desafios nos quais me lanço.

“Sim, sou eu, eu mesmo, tal qual resultei de tudo...
Quanto fui, quanto não fui, tudo isso sou.....
Quanto quis, quanto não quis, tudo isso me forma...”

Fernando Pessoa

RESUMO

ADÃO. Antonieta Capparelli. A formação do educador de jovens e adultos e a Pedagogia Inaciana. Rio de Janeiro, 2011. Monografia (Curso de Especialização Saberes e Práticas na Educação Básica) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

Esse estudo aborda a formação dos educadores de jovens e adultos de um colégio privado e confessional sob a perspectiva da Pedagogia Inaciana, que há 40 anos atua na área de Educação de Jovens e Adultos. O objetivo da presente pesquisa é refletir e discutir os impactos da Pedagogia Inaciana sobre a formação desses educadores (as) de jovens e adultos trabalhadores. O eixo central do trabalho é como a Pedagogia em questão contribui para a formação do educador dessa modalidade de ensino e, se esses compreendem e a reconhecem como um elemento formador face às especificidades da área. Mesmo reconhecida como uma modalidade da Educação Básica pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9394/96, a partir da fala dos educadores que participaram da entrevista, percebe-se o longo caminho que a EJA precisa trilhar para se constituir como um campo pedagógico relevante, com políticas públicas efetivas que impactem na formação dos educadores da área, de maneira a abolir o caráter assistencialista que ainda a acompanha. A pedagogia proposta pela escola pesquisada, ainda que de grande relevância para o conjunto de colégios da Companhia de Jesus, no que se refere à EJA precisa dialogar mais intensamente com os referenciais teórico-metodológicos do campo, para que sua contribuição na formação de seus educadores seja mais significativa e reflita sobre as reais necessidades e especificidades que caracterizam a EJA.

Palavras-chave: Formação do educador, Educação de Jovens e Adultos, Pedagogia Inaciana.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I	12
CONTEXTUALIZAÇÃO A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A PEDAGOGIA INACIANA	
1.1. BREVE HISTÓRICO DA COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL	12
1.2. A PEDAGOGIA INACIANA	16
1.3 A FORMAÇÃO DOS EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS	19
CAPÍTULO II	26
COM A PALAVRA OS EDUCADORES: A FORMAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA INACIANA	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
CAMINHOS: A EJA COMO UM CAMPO PEDAGÓGICO	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41
ANEXOS	44
ENTREVISTA (ROTEIRO)	

INTRODUÇÃO

Desde a época da graduação em Pedagogia, as inquietações relacionadas à formação de educadores para a Educação de Jovens e Adultos já se faziam presentes. Primeiramente, porque enquanto estudante e consciente da escolha em alfabetizar jovens, adultos e idosos, percebia certo desinteresse nas universidades, de forma geral, e no cenário educacional brasileiro sobre a temática. O que parece absurdo diante de um quadro alarmante de analfabetos no país. Segundo, mediante os escassos cursos e habilitações em EJA, naquele período, era preocupante terminar a graduação, desejosa por lecionar para esse público específico, porém, com poucas orientações e o mercado de trabalho apresentando-se restrito nesse campo profissional. Sem querer retornar aos projetos em Educação de Jovens e Adultos que pagavam um valor simbólico e faziam uma aligeirada capacitação, quando havia.

Reconhecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 9394/96 como uma modalidade da Educação Básica, a EJA ainda ocupa nas palavras de Arroyo (2006) uma posição periférica, um pouco marginal, assim como seus educadores e alunos. O profissional, que atua na EJA, em geral, gradua-se com uma formação “generalista” e “universalista”, não se vê contemplado com uma formação que atenda as devidas especificidades demandadas de sua área.

Embora a discussão em torno do tema formação de professores em Educação de Jovens e Adultos venha ganhando maior enfoque, segundo a pesquisa realizada por Margarida Machado (2000), ao analisar, brevemente, as dissertações e teses produzidas entre os anos 1986 a 1998, conclui que estas ainda são tímidas e insuficientes diante das muitas práticas envolvendo esses educadores e suas diversas experiências. Soares (2008) também aponta esse vácuo quando diz que nos Grupos de Trabalho de Educação Popular, Movimentos Sociais e Formação de Professores da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), no período de 2000 a 2005, as poucas apresentações de trabalho sobre o assunto deixam uma lacuna significativa para o campo de pesquisa.

Com a identidade em construção, falta a EJA centros educativos e diretrizes voltadas à formação de professores. Pois, nem sempre a preparação desse professor ocorre inicialmente na academia, sua prática o forma e o desafia, antecedendo seus estudos na universidade, assim como de outros profissionais que atuam na EJA: coordenadores, supervisores e orientadores.

A necessidade de uma formação continuada em serviço é relevante para reflexões que possam fundamentar as mudanças pertinentes à prática educativa, bem como o incentivo a estudos que envolvam o trabalho docente.

Ainda de acordo com Soares (2008), a ausência de políticas públicas efetivas que favoreçam tal formação compromete a construção da identidade desse educador que, não raras vezes, atua no ensino regular diurno e no curso noturno¹ em EJA. É difícil a dedicação exclusiva desse profissional, dadas as condições profissionais e aos sobressaltos do magistério.

A organização da EJA continua a ocorrer por meio de políticas provisórias, imediatistas e assistencialistas. Nesse sentido, Arroyo (2006) afirma que:

(...) não temos parâmetros acerca do perfil desse educador de jovens e adultos. Sabemos que uma das características da EJA foi, durante muito tempo, construir-se um pouco às margens, ou “à outra margem do rio”. Consequentemente não vínhamos tendo políticas públicas de educação de jovens e adultos. Costumo dizer que a formação do educador e da educadora de jovens e adultos sempre foi um pouco pelas bordas, nas próprias fronteiras onde estava acontecendo a EJA. (ARROYO, 2006, p.17).

Dados os desafios políticos e pedagógicos da área em relação à formação desse educador, e como educadora de jovens e adultos inserida em uma instituição educacional religiosa, que trabalha com EJA há quarenta anos, a origem desse estudo provém desta minha prática. Como professora do 1º Segmento do Ensino Fundamental do Curso Noturno desse estabelecimento de ensino, não pude deixar de indagar como a pedagogia proposta contribui para a formação dos educadores de jovens e adultos. Considerando as especificidades da área, creio ser interessante analisar o Paradigma Pedagógico Inaciano sob a ótica da EJA, sendo o estudo um possível material de aprofundamento das questões relativas à formação dos educadores dessa comunidade educativa, já que pouco foi produzido nessa vertente.

Diante do quadro atual da formação dos professores em EJA, o presente trabalho tem por objetivo refletir e discutir os impactos da Pedagogia Inaciana sobre a formação dos educadores (as) de jovens e adultos trabalhadores, que será mais detalhada no capítulo

¹É preciso ressaltar que a oferta de EJA não se limita ao Curso Noturno, pode e deve ser oferecida nos turnos diurno e vespertino. Porém, como aponta Almeida (1988), o que torna o curso noturno mais ofertado é o trabalho, já que são jovens e adultos trabalhadores. A expansão do turno é a tentativa de conciliar trabalho e estudo, possibilitando que grande parte da população tenha acesso à escola. Constata-se o desenvolvimento do curso noturno no início da República com os cursos noturnos de instrução primária. Sendo seguidamente ofertado nas décadas de 20, 30, 40, aumentando significativamente nos anos 70 e 80. (ALMEIDA, 1988)

específico a ela. Pedagogia esta, pautada nos Exercícios Espirituais² elaborados pelo fundador da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola, com o intuito de vivenciar na prática uma pedagogia própria aos ideais inacianos.

Ressalta-se que não será focado o lado espiritual dessa pedagogia por escapar dos objetivos do estudo, porém, não há como apresentá-la sem contextualizar seu fundador e como foi gerada, já que se trata de uma ordem religiosa.

O problema suscitado a partir do objeto de pesquisa é: como a Pedagogia Inaciana tem contribuído para a formação do educador de jovens e adultos? A intenção é analisar como esta vem se efetivando na formação continuada desse profissional, e como os educadores desse estabelecimento de ensino, nos diferentes segmentos, reconhecem tal pedagogia como um eixo em sua formação.

Minha hipótese é de que os educadores não compreendem a Pedagogia Inaciana, apesar de a reconhecerem como um eixo em sua formação. Essa hipótese nasce das observações e conversas recorrentes na sala dos professores sobre a dificuldade de entenderem a Pedagogia Inaciana e de aplicá-la com mais constância em suas práticas pedagógicas. Inclusive, queixavam-se que, nos momentos de formação permanente, geralmente aos sábados, a proposta pedagógica não era mais esmiuçada, melhor explicada e difundida, gerando assim um conhecimento superficial sobre a mesma. Então pensei: como esse educador de jovens e adultos, que não teve uma formação inicial, dá continuidade a sua formação dentro dessa instituição de ensino? Ele reconhece, sente que essa pedagogia o forma enquanto educador de EJA? Em que aspectos a Pedagogia Inaciana e as especificidades da área e da formação desse educador se entrelaçam? Que perfil o educador de EJA precisa ter? Por meio da coleta de dados, na forma de entrevistas individuais, analiso o impacto dessa Pedagogia sobre a formação do educador de jovens e adultos nessa instituição.

Nesse sentido, para uma observação mais detalhada do estudo se faz necessário saber quem é esse educador? Qual é a sua formação? Há quanto tempo trabalha na instituição? Se tiveram algum contato ou experiência na EJA seja na graduação (em disciplinas eletivas, estágios etc.) ou em outro espaço educativo? O que é a Pedagogia Inaciana para os educadores? E como a Pedagogia em questão contribui para a formação desses docentes?

²São guia para uma experiência de intensa atividade pessoal de maneira a meditar, contemplar, examinar a consciência, de orar mental e vocalmente e de outras operações espirituais de modo a preparar a pessoa para tirar de si todas as afeições desordenadas. São em seu conjunto orgânico uma pedagogia espiritual, mediante a qual se dá espaço para que o Espírito Santo possa atuar, instruindo, movendo e robustecendo o exercitante. (Exercícios Espirituais, 2000, p.11)

Embora a pesquisa quantitativa tenha sua importância para a área educacional, nesse estudo opto por uma abordagem qualitativa por entender que os sujeitos da investigação estão envolvidos em uma realidade mais complexa e que, para uma compreensão mais profunda dos problemas, é necessário registrar determinados aspectos dos indivíduos, as emoções, as práticas e os significados que envolvem o cotidiano. Buscar respostas que não poderiam ser obtidas através de uma abordagem quantitativa, que se baseia em modelos numéricos para analisar determinada realidade (Moreira e Caleffe, 2008). Adoto o enfoque dialético (Wachowicz 2001), por entender que para análise posterior dos dados coletados, não é possível compreendê-los sem uma abordagem histórica tanto da Pedagogia Inaciana, da História da Educação brasileira, precisamente, a educação jesuítica, em seus primórdios, que é marcadamente de cunho religioso, quanto dos educadores de jovens e adultos nela envolvidos. “Uma das características do método dialético é a contextualização do problema a ser pesquisado” (Wachowicz, 2001, p.1). Assim, torna-se relevante interpretar os dados a partir do contexto histórico, levando em conta as causas, conseqüências e transformações. Ou, como nos diz Freire, “nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de intervindo no mundo, conhecer o mundo. Mas, históricos como nós, o nosso conhecimento do mundo tem historicidade” (1996, p. 28).

O público alvo é constituído por professores que atuam com jovens e adultos no Curso Noturno do colégio pesquisado, totalizando seis educadores. A coleta de dados fez-se, como já mencionado anteriormente, através de entrevistas individuais, sem identificação, gravadas em áudio com um educador de cada etapa, sendo: 1º Segmento e 2º Segmento do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Profissional.

Os autores que contribuem para alcançar os objetivos dessa pesquisa são Leôncio Soares (2002, 2006 e 2008), Miguel Arroyo (2006), Vera Barreto (2006), Osmar Fávero (2010), Sonia Maria Rummert (2006) e Nilton Bueno Fischer (2006). Além desses estudiosos, uso referenciais teóricos sobre a Pedagogia Inaciana e as Características da Companhia de Jesus, assim como documentos nacionais que enriquecem o estudo como o Parecer 11/2000 e internacionais, como as V e VI Conferências Internacionais de Educação de Adultos-CONFINTEA’S realizadas, respectivamente, em Hamburgo (1997) e Belém (2009), que apontem para a formação do educador em EJA.

O texto da pesquisa está organizado em três capítulos. O primeiro capítulo, *Contextualização da Educação de Jovens e Adultos e a Pedagogia Inaciana*, é subdividido em três partes: na primeira intitulada *Breve histórico da Companhia de Jesus no Brasil*, abordo a educação jesuíta como a primeira a marcar nossa história educacional, com a vinda

da Companhia de Jesus para nossas terras. Na segunda parte, *A Pedagogia Inaciana*, trato, brevemente, sobre a origem da pedagogia mencionada e na terceira parte *A formação do educador de Jovens e Adultos*, faço uma revisão de literatura sobre o tema visando compreender o que já foi produzido sobre o mesmo na EJA.

No segundo capítulo, *Com a palavra os educadores: a formação sob a perspectiva da Pedagogia Inaciana*, procedo a análise dos dados coletados com base nas entrevistas realizadas, buscando dialogar com os referenciais teóricos da EJA e responder as questões que orientam o estudo.

No terceiro capítulo, *Caminho: a EJA como campo pedagógico*, finalizo com as considerações finais, visando retomar as questões de estudo.

CAPÍTULO I

CONTEXTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A PEDAGOGIA INACIANA

1.1 Breve histórico da Companhia de Jesus no Brasil.

Há um longo tempo convivemos com uma das facetas mais perversas da desigualdade social: o analfabetismo. Visto nas primeiras décadas do século passado como um “cancro”, “vergonha” ou “chaga social” que atravancava o desenvolvimento do país e culpabilizava os sujeitos pelo analfabetismo, expressões inadequadas e pejorativas como essas eram um obstáculo para que se enxergasse as reais questões por trás da grande massa de pessoas iletradas no Brasil. O analfabetismo é histórico, e, se pensarmos nessa herança histórica, veremos que a história da EJA e do público a qual se destina inicia sua trajetória de exclusão e marginalização no período colonial, marcado por uma educação religiosa com a vinda da Companhia de Jesus para terras brasileiras, que visava catequizar nativos sendo restrita a poucas pessoas.

A história da EJA é marcada por muitas campanhas e movimentos em prol da alfabetização, principalmente, a partir da década de 40. Dentro do contexto sócio-político e econômico de cada época as concepções em torno da EJA foram as mais diversas. Nesse estudo, porém, não pretendo abordar com detalhes as inúmeras campanhas e movimentos na EJA, pois se encontra disponível um número significativo de artigos e livros sobre a área que apresentam sua história, mas sim, focar no momento histórico com a chegada dos jesuítas ao Brasil, visando atender aos objetivos do presente trabalho, bem como pontuar a importância dessa Ordem Religiosa e sua influência educacional até os nossos dias.

Nas palavras da historiadora Aranha,(2006), que fundamenta toda a parte histórica da presente pesquisa, não é possível abordar a história do Brasil e distanciá-la dos acontecimentos da Europa do século XVI, caracterizada pelas viagens de além mar e a visão dos europeus sobre os povos selvagens em um processo civilizatório de silenciamento de culturas tidas como “estranhas”, “vestindo” simbolicamente os nativos de outros valores, com o intuito de tornar esses povos “melhores”.

Ao chegarem a terras brasileiras, os lusos não se preocuparam em ocupá-las de imediato, pois ainda não haviam encontrado os metais preciosos e os produtos tropicais que viriam enriquecer a metrópole. Porém, devido às inúmeras invasões piratas de franceses e ingleses e pelas dificuldades com o comércio de especiarias no Oriente, a colonização é concretizada com a divisão de terras em capitânias hereditárias. A estrutura colonial, de então, é baseada no latifúndio, escravidão e engenhos de açúcar. Nesse período a educação não era meta prioritária, não havia preocupação com uma educação escolar e muito menos com formação de professores, já que as atividades agrárias não exigiam formação mais específica.

Fundada por Inácio de Loyola em 1534, a Companhia de Jesus, e seus missionários, os jesuítas, ao desembarcarem no Brasil em 1549, com o então governador geral Tomé de Sousa, tendo como líder o jesuíta Manoel da Nóbrega, chegaram com a incumbência de catequizar e instruir os índios. Segundo Freire (2001), a Ordem recém fundada, dentro das preocupações do Concílio de Trento³, tinha como meta reafirmar o “medievalismo” e perpetuar os dogmas da Igreja Católica, abalada com a Reforma Protestante⁴, pois, em uma época de regime absolutista, a Igreja estava submetida ao poder real e era vista como um instrumento relevante para manter a unidade política da coroa portuguesa. Assim, a atividade missionária e o fazer pedagógico da época favoreceram consideravelmente a dominação dos portugueses, no sentido de tornar a população mais dócil e submissa. A educação assume um papel significativo como agente colonizador a serviço da política colonizadora lusitana.

De acordo com Aranha (2006), após poucos dias de chegada, os missionários já faziam funcionar na recém cidade fundada de Salvador uma escola de ler e escrever, tendo Irmão Vicente Rodrigues como primeiro professor dentro dos moldes europeus. A partir daí deram início a criação de escolas elementares, seminários e missões espalhadas por todo o país até o ano de 1759, quando foram expulsos pelo Marquês de Pombal. Os padres aprenderam a língua tupi-guarani, o jesuíta Aspícueta Navarro foi o primeiro a aprender; prepararam textos

³ O Concílio de Trento, realizado de 1545 a 1563, foi o 19º concílio ecumênico e o mais longo da história da Igreja. É considerado um dos três concílios fundamentais na Igreja Católica. Foi convocado pelo Papa Paulo III para assegurar a unidade da fé (sagrada escritura histórica) e a disciplina eclesiástica, no contexto da Reforma da Igreja Católica e a reação à divisão então vivida na Europa devido à Reforma Protestante, razão pela qual é denominado como Concílio da Contra-Reforma. Ver site http://pt.wikipedia.org/wiki/Conc%C3%ADlio_de_Trento acesso 23/09/2010.

⁴ A Contra-reforma, também denominada Reforma Católica é o nome dado ao movimento criado no seio da Igreja Católica em resposta à Reforma Protestante iniciada com Lutero, a partir de 1517. Em 1543, a igreja Católica Romana convocou o Concílio de Trento estabelecendo entre outras medidas, a retomada do Tribunal do Santo Ofício (inquisição), com a criação de novas ordens religiosas dedicadas a essa empreitada, incluindo aí a criação da Companhia de Jesus. Outras medidas incluíram a reafirmação da autoridade papal, a manutenção do celibato, a criação do catecismo e seminários. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Contrarreforma> acesso 20/09/2010.

para a catequese, ficando sob a responsabilidade de José de Anchieta a organização da gramática em Tupi.

Apesar da formação rígida e orientada pela *Ratio Studiorum*⁵, os jesuítas enfrentaram muitas dificuldades para adaptar-se. Segundo Aranha (2006), os missionários surpreenderam-se com o fato de duzentas pessoas viverem na mesma oca, sem divisões que preservassem a intimidade das famílias. Ainda, para Freire os padres “introjetaram comportamentos de submissão e obediência, disciplina e hierarquia, imitação, exemplo e devoção cristã. Superestimaram a nudez, o incesto e o canibalismo”. (2001, p.33)

No século XVII, o ensino no Brasil não apresentou grandes mudanças em relação ao ensino do século anterior. O ensino jesuítico manteve a escola conservadora, à parte da revolução intelectual representada pelo racionalismo cartesiano e pelo renascimento científico. Centrada no nível secundário, a educação visava à formação humanística, privilegiando o estudo dos clássicos, do latim e a religião. A educação interessava apenas a poucos elementos da classe dominante e, ainda assim, como “ornamento” e “erudição”. Era literária, abstrata, afastada dos interesses materiais, introduzindo o espírito europeu urbano em um ambiente totalmente agreste e rural.

Com o tempo, a educação atendia a um segmento novo, o da pequena burguesia urbana que aspirava à ascensão social. Segundo Azevedo (1997):

Entre as três instituições sociais que mais serviram de canais de ascensão, a família patriarcal, a Igreja e a escola, estas duas últimas, que constituíram um contrapeso à influência da casa grande, estavam praticamente nas mãos da Companhia; quase toda mocidade, de brancos e mestiços, tinha de passar pelo molde do ensino jesuítico, manipulado pelos padres em seus colégios e seminários, segundo os princípios da famosa ordenação escolar, e distribuída para as funções eclesiais, a magistratura e as letras. (APUD ARANHA, 2006, p.164)

Os núcleos urbanos ainda eram pobres e dependentes de atividades do campo, onde se concentrava a maior parte da população no século XVII. Por se tratar de uma sociedade agrária e escravista, não havia interesse pela educação elementar, daí a grande massa de analfabetos. As mulheres encontravam-se excluídas do ensino, do mesmo modo que os negros. Apenas os mulatos, um pouco mais tarde, começaram a reivindicar espaços na educação. Diante da importância dada aos graus acadêmicos para classificação social,

⁵ Expressão latina *Ratio atque Institutio Studiorum* que significa “Organização e plano de estudos”, publicado em 1599, pelo padre Claudio Aquaviva. Obra cuidadosa, com regras práticas sobre a ação pedagógica, a organização administrativa e outros assuntos, destinava-se a toda hierarquia, desde o provincial, o reitor até o mais simples professor, sem esquecer o aluno. (ARANHA, 2006, p.128)

aumentou a procura da escola por parte dos mestiços, o que provocou, em 1689, um incidente conhecido como “questão dos moços pardos⁶.” Os colégios dos jesuítas haviam proibido a matrícula dos mestiços, mas tiveram de renunciar à decisão discriminatória, tendo em vista os subsídios que recebiam, por serem escolas públicas.

A visão etnocêntrica que motivava a educação européia na colônia fez com que a cultura popular não fosse valorizada, influenciada pelos indígenas e negros, permaneceu marginal e condenada à expectativa de homogeneização, uma vez que a cultura a ser seguida era a erudita e européia. De início, os colonizadores concebiam os índios como seres inacabados, que mereciam ser aperfeiçoados através da educação. O mesmo menosprezo ocorria com a religião e os saberes da cultura negra. O que se destaca até hoje é a exclusão explícita desses segmentos da educação formal e certo desprezo pelo trabalho manual também que, por ser ofício de índios, negros e pobres, foi visto como trabalho desqualificado.

No século XVIII a Europa enfrentava a crise do antigo regime. Portugal que tivera até então um poder com as colônias achava-se em declínio, submetendo-se a tratados comerciais em troca de proteção da Inglaterra. Sem acompanhar as mudanças das forças produtivas na Europa, Portugal tentava superar o atraso, expresso pela ditadura do rei Dom José I. O responsável por essa reorganização administrativa e econômica na colônia foi o primeiro ministro Marquês de Pombal, que procurou modernizar o reino a fim de manter o absolutismo real, combatendo toda forma de oposição. Crescia assim a hostilidade contra a Companhia de Jesus, pois o governo temia seu poder político e econômico exercido sobre todas as camadas sociais ao modelar-lhes a consciência e o comportamento, atribuindo a Companhia o interesse de formar um “império temporal cristão”. Quando decretada sua expulsão em 1759, só na colônia os jesuítas tinham 25 residências, 36 missões e 17 colégios e seminários, sem contar as escolas de ler e escrever, instaladas em quase todas as aldeias e povoados onde existiam casas da Companhia.

⁶A mais antiga referência procede do livro do padre Serafim Leite sobre a história da Companhia de Jesus no Brasil e diz respeito a um grupo de “moços pardos”. Antes de 1688, certo provincial recém empossado no colégio da Companhia de Jesus na Bahia tomou a decisão individual de proibir a freqüência daqueles moços nos estudos superiores do colégio, dos quais participavam há anos. Os interessados protestaram, alegando que nas escolas oficiais superiores da metrópole, tanto a de Coimbra quanto a de Évora, eram eles admitidos, sem que servisse de impedimento para isso “a cor de pardos”. Além do mais, a escola dos Jesuítas em Salvador era pública e, assim, dela não podiam ser excluídos a pretexto da cor. A decisão régia foi no sentido da não discriminação, reconhecendo-se o direito dos reclamantes. Naquela mesma altura outras ordens religiosas em Pernambuco recusavam a entrada de filhos dos moradores da terra, entre os quais se incluíam “mestiços”. Eram alegadas várias razões para essa recusa, e entre elas a de que os “mestiços”, embora fossem de inteligência aguda, eram de temperamento inquieto e, portanto, pouco aptos à disciplina eclesiástica. Fonte:<http://bvjagm.fgf.org.br> acesso em 23/09/2010.

Após a expulsão, muitos livros e manuscritos foram destruídos, o fim da estrutura educacional montada pela Companhia foi prejudicial porque não se substituiu o ensino regular por outra organização escolar.

Várias medidas antecederam as primeiras providências mais efetivas, levadas a efeito só a partir de 1772, quando teria sido implantado o ensino público oficial. A coroa nomeou professores, estabeleceu planos de estudo e modificou o curso de humanidades, típico do ensino jesuítico, para o sistema de aulas régias de disciplinas isoladas como ocorria na metrópole. Para o pagamento dos professores, o governo instituiu o “subsídio literário”, a fim de gerar recursos que nem sempre foram aplicados na manutenção das aulas. O subsídio era uma taxa ou imposto que incidia sobre a carne, o vinho, o vinagre e aguardente. Além de ser escasso, nunca foi cobrado com regularidade e os professores ficavam longos períodos sem receber vencimentos à espera de uma solução vinda de Portugal.

A intenção era oferecer o estudo de línguas modernas como o francês, desenho, aritmética, geometria, no espírito dos novos tempos. Porém, persistia o panorama do analfabetismo e do ensino precário, restrito a poucos, uma vez que a atuação mais eficaz dos jesuítas se fez sobre a burguesia e na formação das classes dirigentes, resultando em um ensino predominantemente clássico, por valorizar a literatura e a retórica e desprezar as ciências e as atividades manuais. Durante esse longo período do Brasil - colônia aumentou o abismo entre os letrados e a maioria da população analfabeta. Importante salientar que outras ordens religiosas surgiram, mas nenhuma com o poder e a influência sobre a educação como a pedagogia dos jesuítas.

Ressalto a dificuldade em encontrar na literatura consultada, dados históricos sobre a retomada dos jesuítas no cenário educacional brasileiro, após sua expulsão, em 1759, pelo Marquês de Pombal. Depois de ser suprimida, em 1773, pelo Papa Clemente XIV, a Companhia de Jesus foi impedida de trabalhar em seus colégios até 1814, quando foi restaurada pelo Papa Pio VII. Entretanto, devido a essa lacuna da influência jesuítica nos períodos subsequentes, sigo com um salto na história para a década de 60, precisamente em 1967, quando surgiu a ideia de iniciar o curso supletivo no colégio pesquisado.

1.2 A pedagogia Inaciana

A Pedagogia Inaciana nasceu da necessidade de se introduzir na sala de aula os valores, princípios e diretrizes apresentados na décima parte das Características da Educação

da Companhia de Jesus⁷, documento este que propõe uma unidade no fazer educativo com base nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola. Trata-se de uma nova maneira de proceder pedagogicamente que não se restringe aos colégios e universidades da Companhia, podendo ser utilizada em outros espaços não formais de educação.

O projeto pedagógico inaciano destina-se primeiramente aos educadores, pois é na sua interação com os alunos a partir de uma nova proposta pedagógica que será possível alcançar os objetivos educacionais da Companhia de Jesus.

A Comissão Internacional do Apostolado da Companhia (ICAJE) elaborou o documento de forma que possibilitasse respostas aos ideais educativos e não destoasse das realidades práticas do processo de ensino aprendizagem. Assim tornou-se relevante levar em conta o contexto das experiências dos alunos e a avaliação, como fase essencial de todo processo de aprendizagem. Resultando em cinco etapas incluídas no Paradigma Pedagógico Inaciano: contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação.

O **contexto** da aprendizagem dentro da perspectiva Inaciana significa conhecer o contexto político, social, econômico, cultural, religioso, pois todos esses aspectos impactam a ação educativa; a **experiência** não se restringe ao plano intelectual, as dimensões afetivas bem como as cognitivas devem estar envolvidas no processo de aprendizagem. Para o fundador da Companhia de Jesus, o sentimento interno é o que levará os alunos a uma ação efetiva; a **reflexão** refere-se trazer para a superfície o sentido da experiência, permitir ao educando e aos educadores elaborar, conceituar, reconsiderar; a **ação** dentro da Pedagogia Inaciana é o objetivo maior, pois não há sentido na experiência e na reflexão se estas não resultam em uma ação compromissada e a **avaliação** compreende-se por uma revisão da totalidade do processo pedagógico de cada passo do paradigma, para analisar as ações efetivadas e as que precisam de transformações.

A finalidade do Paradigma Pedagógico Inaciano ou PPI é sob uma perspectiva humanista abordar os temas de estudo com implicações para a vida do aluno e o crescimento integral da pessoa para a solidariedade. O foco é a formação integral, orientada para os valores e uma preferência pelos pobres:

Isto inclui os que não tem meios econômicos, os excepcionais, os marginalizados e todos os que, de algum modo, estão impedidos de viver uma vida plenamente humana. Na educação da companhia, esta ação se reflete tanto nos alunos que são

⁷As Características da Educação da Companhia de Jesus é um documento destinado aos leigos, jesuítas e demais instituições de ensino onde são descritas as dez características principais da educação jesuíta. A Pedagogia Inaciana se detém na décima parte dessas características.

admitidos como no tipo de formação que lhes é dada. (Características da Educação da Companhia de Jesus, 1986, p.51).

Sem o objetivo de abordar as questões espirituais relacionadas à Pedagogia Inaciana, é de fundamental importância contextualizá-la a partir da experiência espiritual de seu fundador, Inácio de Loyola.

Inácio de Loyola era um fidalgo, nascido em 1491, no castelo de Loyola, no país Basco e educado como cavaleiro na corte espanhola. Um jovem como muitos de sua época, e de nível social voltado para as batalhas entre cavaleiros e as grandes festas realizadas nos palácios reais. Ele mesmo confessa em sua biografia que era “um homem entregue às vaidades do mundo” e tinha grande desejo de alcançar honras.

A vontade de ganhar fama levou-o a defender a cidade de Pamplona atacada pelos franceses. Em maio de 1521, numa dessas batalhas Inácio foi ferido gravemente por uma bala de canhão tendo uma de suas pernas quebradas, precisando ficar um longo tempo em repouso, sem poder locomover-se. Para passar tal período de convalescença procurou ler o que mais lhe agradava: romances e aventuras de cavalaria. Mas na casa de sua cunhada, onde se recuperava, só havia livros religiosos: os Evangelhos e um livro sobre a vida dos santos. Começou a lê-los por falta de melhores opções. A partir daí sua vida muda totalmente, pois tem uma experiência profunda com Deus através das leituras, colocando-se a serviço da fé. A experiência mística deixou registrada por escrito em um pequeno caderno, que daria mais tarde origem aos Exercícios Espirituais.

Inácio insistia que os colégios da Companhia adotassem os métodos da Universidade de Paris (“modus parisiensis⁸”), onde permaneceu sete anos, porque considerava serem os mais eficazes para atingirem as finalidades que tinha em mente para os colégios. Tais métodos foram experimentados e adaptados pelos educadores jesuítas de acordo com os Exercícios Espirituais.

A educação da Companhia está constituída em um espírito comum sobre os objetivos educacionais e o modelo de homem que se deseja formar para o mundo atual. Nesse sentido, ressalta-se a importância da formação dos educadores face às rápidas mudanças, assim: “(...) todos os membros adultos da comunidade educativa precisam aproveitar as oportunidades de educação continuada e do desenvolvimento pessoal permanente” (Características da educação da Companhia de Jesus, 1986, p.76). E ainda: “serão essenciais os programas de formação do

⁸ O “modus parisiensis” (modo parisiense) eram as normas pedagógicas, os costumes escolares, os princípios e modos de agir que durante séculos perdurou o ensino parisiense. Baseado nas humanidades clássicas como fundamento para os posteriores cursos de Artes (Filosofia) e Teologia. As matérias eram organizadas de forma a não permitir o avanço do aluno em débito com os conteúdos de determinada etapa. KLEIN, Atualidade da pedagogia jesuítica, 1997.

professorado que incluam uma preparação no local (...) a formação do professorado em nível de colégio ou de Província, faz parte essencial do Projeto Pedagógico Inaciano.” (Pedagogia Inaciana: uma proposta prática, 1994, p.79)

1.3 A formação dos educadores de jovens e adultos

É fato e diz a literatura da área que são inúmeros os desafios políticos e pedagógicos que os educadores de jovens e adultos enfrentam em seu processo formativo. Ainda nos deparamos com práticas que aligeiram e comprometem a seriedade com que a formação desses educadores deve ser tratada.

Atualmente surgem iniciativas de algumas universidades na oferta de disciplinas eletivas, de habilitação na EJA ou de cursos de extensão e pós-graduação na área. Porém, ainda que louvável tais progressos, é visível, como a realidade nos mostra o quanto precisamos caminhar para a condução de políticas públicas que efetivem a urgência dessa formação, inicial e continuada. Já sabemos de cor as intempéries que assolam o magistério, elencá-las seria repetitivo, porém, em relação à Educação de Jovens e Adultos, outro ponto é sentido, a “marginalização” que ainda ocupa a EJA dentro da educação brasileira. Sem um comprometimento maior das instâncias públicas, os educadores da área são formados como diz Arroyo (2006) de forma “generalista” e “universalista”, não levando em conta as especificidades de um alunado que exige de seus professores uma formação de acordo com as demandas que surgem decorrentes de suas experiências de vida. É comum a prática anteceder a formação acadêmica, ou seja, a formação ocorrer por outras vias.

Segundo Benicio, os cursos de Pedagogia não tomam efetivamente para si a responsabilidade na formação inicial e mais, “quando se trata das licenciaturas, a inexistência de qualquer tratamento neste campo é mais recorrente”. (2010, p.190)

Há que se pensar que educadores de jovens e adultos estão formando, pois se continuamos a entender a EJA sem considerar suas singularidades, basta ampliar a oferta de trabalho aos professores dos cursos diurnos para que atuem na EJA com as exigências desse primeiro turno, e, não com as necessidades e especificidades de alunos trabalhadores. Vale ressaltar que não é o turno que define a EJA, esta, pode e deve ser oferecida em qualquer horário e, como um direito a todo jovem, adulto e idoso que deseje estudar. De acordo com Arroyo:

(...) se pretendemos configurar a educação de jovens e adultos por esse lado, acho que não tem sentido discutirmos a formação do educador de jovens e adultos. Podemos simplesmente aproveitar os professores de 1ª a 4ª, e de 5ª a 8ª, dando a eles certa “reciclagem” para, em vez de falarem de criança ou menino, falarem jovem ou adulto e, talvez, possamos resolver esse problema. (ARROYO, 2006, p.20).

Machado (2010) em sua apresentação no I Congresso Internacional da Cátedra da UNESCO em Educação de Jovens e Adultos, referente aos desafios políticos e pedagógicos da formação dos educadores, expôs que representamos 13% dos quase dois milhões de professores da Educação Básica, inicialmente, concentrados nas séries iniciais da alfabetização. Informou também que 82% dos professores do 1º segmento do Ensino Fundamental possuem graduação, mas sem formação em EJA, assim como os licenciados que representam 94,7% e mesmo os que já passaram por alguma disciplina não se sentem confiantes para atuar na área.

Para Moura (2010), a formação dos educadores é um “silêncio permitido” quando continuamos a conviver com uma realidade que não favorece maior crescimento desse educador, seja na distribuição de bolsas com valores inferiores ao piso salarial e a falta de uma sistematização de um quadro próprio de seleção e carreira para esses profissionais. Coloca-se como desafio político, maior alinhamento entre os arcabouços legais, financiamentos significativos, maior e efetiva intersetorialidade entre as diversas instâncias da sociedade.

Em relação à legislação, apesar de reconhecida como uma modalidade da Educação Básica na LDBEN nº 9394/96, ainda, recebe poucos investimentos federais que não dão conta das exigências atuais de políticas públicas que mobilizem maior financiamento, de modo a garantir a efetivação do direito à educação para todos com qualidade nacional, regional e local.

A ampliação conceitual de Ensino Supletivo, estabelecido pelo Parecer 699/72 seguindo as características da LDB 5692/71, para Educação de Jovens e Adultos, na LDBEN nº. 9.394/96, favorece maior entendimento sobre a diversidade formativa desses educadores e de seus alunos. Assim, Soares (2002) nos diz que:

A mudança de ensino supletivo para educação de jovens e adultos não é mera atualização vocabular. Houve um alargamento do conceito ao mudar a expressão de ensino para educação. Enquanto o termo “ensino” se restringe à mera instrução, o termo “educação” é muito mais amplo, compreendendo os diversos processos de formação (SOARES, 2002, p.12)

O Parecer CNE/CEB 11/2000, que teve como relator Jamil Cury, que fundamenta as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's) para a EJA, eliminou a suplência

mencionada anteriormente confere à EJA três funções: equalizadora, qualificadora e reparadora⁹. O item VIII do documento trata da formação docente, apontando algumas dificuldades no processo formativo, “boa vontade” aliada a uma visão assistencialista não são os ideais para atuação no campo. Outra questão é a falta de concursos públicos para a área o que evidencia o não reconhecimento da Educação de Jovens e Adultos como habilitação profissional. A formação continuada é ressaltada nesse item, pois se entende que esta pressupõe bases teóricas e metodológicas apropriadas a partir dos conhecimentos dos educadores, sendo o local de trabalho um espaço privilegiado para tal ação.

A modalidade normal média e a formação dos educadores está contemplada na Resolução CNE/CEB 02/99 no artigo 1º, segundo parágrafo, quando afirma o “compromisso de propostas pedagógicas e sistemas de ensino com a educação escolar de qualidade para crianças, os jovens e os adultos”. (SOARES, 2002, p. 115).

A VI CONFINTEA ocorrida em dezembro de 2009, em Belém do Pará no Brasil, e o documento intitulado Marco de Ação de Belém (abril 2010), elaborado após o evento, reafirma o compromisso “de acesso a processos de educação e aprendizagem de jovens e adultos de qualidade e no fortalecimento do direito à educação ao longo da vida para todos” (Brasil, 2010, p.3). Em relação à formação dos educadores declara que:

A falta de oportunidades de profissionalização e de formação para educadores tem um impacto negativo sobre a qualidade da oferta de aprendizagem e educação de adultos, assim como o empobrecimento do ambiente de aprendizagem, no que diz respeito a equipamentos, materiais e currículos. Raramente são realizadas avaliações de necessidades e pesquisas sistemáticas, no processo de planejamento, para determinar conteúdos, pedagogia, modo de provisão e infraestrutura de apoio adequadas. Monitoramento, avaliação e mecanismos de feedback não são um componente constante na busca de qualidade na aprendizagem de educação de adultos. Quando existem, seus níveis de sofisticação estão sujeitos à tensão do equilíbrio entre qualidade e a quantidade da oferta. (Brasil, 2010, p. 21)

A formação continuada de educadores de jovens e adultos em serviço é um campo vasto e heterogêneo, que inclui educadores populares pouco escolarizados e outros com elevada escolaridade formal. A formação continuada não pode ser descontínua, pois requer amadurecimento para maior reflexão do percurso formativo do educador, considerando sua identidade e suas singularidades, bem como a dos educandos.

⁹A função **reparadora** diz respeito ao ingresso no circuito dos direitos civis através da restauração de um direito negado. A **equalizadora** se refere à redistribuição de mais igualdade de modo a proporcionar maiores oportunidades de acesso e permanência na escola. E a função **qualificadora** corresponde às necessidades de atualização e de aprendizagem contínuas. (Soares, 2002, p. 13).

Para Barreto (2006), a formação continuada ou permanente é fundamental, já que através da sua prática o educador analisa e busca novas formas de enriquecer o seu fazer pedagógico.

Diante das novidades midiáticas, do volume intenso de informações, das inovações dos recursos tecnológicos, as realidades do cenário sócio, político, ambiental e econômico, estão a exigir novas práticas pedagógicas, assim:

A maior vantagem da formação permanente é ela acontecer com educadores que estão exercendo o seu papel numa sala de aula. Isso quer dizer que esses educadores estão enfrentando questões objetivas e reais que exigem deles respostas nem sempre fáceis. Em outras palavras, tais educadores têm perguntas e estão em buscas de respostas. Tem, portanto, o primeiro elemento para um trabalho de formação: sentem a necessidade de um melhor desempenho profissional. (BARRETO, 2006, p.96).

Segundo Rummert (2006), o aspecto teórico-metodológico na formação deve compreender que o conhecimento só adquire seu pleno sentido quando a realidade é potencialmente transformada a favor daqueles que, por diferentes mecanismos de dominação, são destituídos de sua própria humanidade pela violência da estrutura socioeconômica.

Não há como negar que uma das especificidades que marcam a atuação e o perfil desse educador são os sujeitos que dela participam, ou seja, os alunos. De acordo com Arroyo (2006) a teoria pedagógica sempre se alimentou da infância porque pressupunhamos que os tempos de educação se esgotavam na infância e na adolescência, e de certa forma isso condicionou o pensamento pedagógico aos primeiros tempos da vida. Não é um pensamento que apresente reflexões sobre a formação dos tempos da juventude e da vida adulta. Formar profissionais capazes de construir uma teoria pedagógica que se pautem na formação desses sujeitos da EJA, jovens, adultos e idosos é fundamental.

Na mesma vertente, Oliveira (1999) aponta a necessidade de reflexão sobre como esses jovens e adultos pensam e aprendem, pois ao contrário do que se apresenta na literatura, a maturidade como uma etapa de pura estabilidade e ausente de mudanças, e não o oposto, em contínuo desenvolvimento, explicam as atividades infantilizadoras que ainda encontramos na EJA. Esses alunos precisam de educadores que pesquisem, estudem sobre quem são. Para a autora,

o jovem que normalmente não é aquele que possui um histórico escolar regular não é o adolescente no sentido naturalizado de pertinência a uma etapa bio-psicológica

da vida, assim como o adulto, também foi excluído da escola (OLIVEIRA, 1999, p.60).

Na formação desse educador há que se levarem em conta as realidades vivenciadas por seus alunos. Já sabemos de cor as dificuldades encontradas por esses educandos em seu dia a dia. A maioria migrante de áreas rurais muito pobres, com baixo ou nenhum nível de instrução escolar que chegam as grandes cidades atrás de melhores condições de vida, com uma rotina de trabalho muito dura, envolvendo contextos de exploração e de negação de direitos trabalhistas e humanos. Torna-se, então, relevante estudar os direitos humanos, o trabalho como atividade ontológica do ser humano, de modo que se recupere a dimensão da educação enquanto direito humano, sem o olhar de faltas e carências, ainda que existentes. Pois quando retornam a escola ou vão pela primeira vez desejam ampliar seus horizontes.

Fischer (2006) coloca em sua interlocução com Arroyo no I Seminário de formação de educadores de jovens e adultos, que a visão de alunos envolvidos em lutas de classes e emancipados não são os alunos que ele encontra em salas de aula. Os educandos com os quais também convivo estão em busca de suas questões de sobrevivência emergenciais. “se torna decisivo saber quem é esse jovem e esse adulto que está no fundo da discussão sobre a formação do professor de EJA” (FISCHER, 2006, p. 36). Aponta as contribuições que a Antropologia e a Sociologia podem trazer para a formação dentro de uma perspectiva interdisciplinar.

Creio que temos avançado um pouco a cada dia, o cotidiano escolar sugere muitas possibilidades de pensar a formação, principalmente, diante das necessidades que são postas e que desafiam a todo instante nossos conhecimentos ou o que pensamos dominar muito bem.

A oportunidade de formação em serviço também há que ser repensada, se os debates, as discussões e os textos vão de encontro às reais questões que os educadores enfrentam em sala de aula. Se o momento formativo é organizado de “cima” para “baixo”, sem ouvir as necessidades dos professores, pouco se aproveitará desses momentos.

Sabendo da importância da formação inicial, principalmente, no que diz respeito a um primeiro contato com os referenciais teóricos, a realidade observada entre os educadores é de pouco conhecimento sobre o que se produz na área. Também não percebi, em minhas observações, um diálogo constante entre a Pedagogia Inaciana e outros estudiosos do campo, nem um levantamento anterior aos encontros com os educadores sobre o que gostariam de estudar. Como nas reuniões de integração, outro momento de

formação. Os textos utilizados algumas vezes foram da revista Nova Escola sobre temas gerais: avaliação, planejamento e inclusão. Em outra reunião estudamos o texto de Ligia Regina Klein sobre leitura e alfabetização na EJA. O último encontro de integração teria como estudo o livro de Marcos Bagno *Preconceito Lingüístico*, porém, este foi adiado.

A Pedagogia Inaciana, além dos valores cristãos muito dignos, válidos e louváveis, se distancia da formação dos educadores como preconiza em seus documentos. Pois, se no ambiente institucional não circulam documentos que fundamentam a modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos, conseqüentemente, gerando ausência de diálogo entre esses e a pedagogia mencionada; se não há um grupo conforme orienta a Pedagogia para formar seus docentes na proposta do colégio, ela deixa um pouco a desejar. Só ela não forma o educador de Jovens e Adultos.

Outro ponto que ressalto e de grande influência na formação dos educadores é a atividade filantrópica desenvolvida pelo colégio no curso noturno. Procurei no Aurélio o significado da palavra filantropia e lá estava: amor à humanidade. Caridade. (Mini Aurélio, 2008, p.405). Uma das lutas constantes na EJA é eliminar o caráter assistencialista, um cuidado infantilizador em relação aos educandos, essas ações reduzem o que a EJA é, e precisa ser assumida definitivamente como um campo pedagógico específico de suma importância.

As falas dos professores cheias de “pena” e compaixão sobre a vida dos alunos em conselhos de classe do 1º Estágio nos quais participei; na maneira diferenciada de agir dos professores entre os segmentos, os do 1º Estágio são os mais amorosos, afetivos, os do 2º Estágio são mais conteudistas, assim como os do Ensino Médio e Educação Profissional. Eram discussões frequentes nas conversas entre os educadores e em reuniões da comunidade educativa.

Não é errado ser amoroso, afetuoso, querer o bem, o cuidado com os alunos, porém, essas atitudes não podem comprometer uma educação de qualidade na EJA e nem mesmo como aponta Ribeiro (1999, p.188) colocá-los como “componente legítimo da prática pedagógica”. Isso é reforçar a ação filantrópica. De acordo com Carvalho (1999)

(...) as categorias e quadros de referencia disponíveis para legitimar as atividades de “cuidado” estavam articuladas a uma percepção elitista, um julgamento moral dos alunos e suas famílias, às necessidades de atendimento à pobreza, um quadro de referencias marcado pela tradição controladora e moralista de nossas escolas primárias, mesclada com elementos das teorias da privação materna e da educação compensatória. (APUD RIBEIRO, 1999, p. 188).

Quero deixar claro, que o objetivo desse estudo não é desvalorizar o trabalho que há 40 anos é realizado pelo colégio. Ao contrário, o intuito é através das análises feitas nessa pesquisa, apontar sugestões e/ou novos caminhos de contribuições da Pedagogia Inaciana integradas aos referenciais metodológicos e teóricos da EJA para a formação dos seus educadores de Jovens e Adultos, podendo, assim, rever-se, aprimorar-se e crescer dentro do que propõe a área.

CAPÍTULO II

O QUE DIZEM OS EDUCADORES: A FORMAÇÃO EM EJA SOB A PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA INACIANA

A escolha para coleta de dados foi à entrevista semiestruturada (Moreira e Caleffe, 2008, p.169), um meio termo entre a entrevista estruturada e a não estruturada¹⁰. Possibilita a introdução de novas questões durante o desenvolvimento da mesma, o que propicia certa liberdade ao permitir que o entrevistado desenvolva as questões da maneira que melhor lhe convier ao ser interrogado para esclarecimento de alguma questão, porém, sempre com os devidos cuidados e preparação que uma pesquisa exige. Para recolhimento dos dados o gravador de áudio foi o instrumento utilizado.

Antes de iniciar as análises apresento o contexto histórico da criação do curso noturno do colégio em que lecionam os educadores, sua estrutura e o que oferecem e/ou já ofereceram ao longo desses 40 anos.

O curso noturno do colégio foi fundado em 1968. Sua criação foi uma forma do colégio, segundo o documento sobre a história do terceiro turno desta instituição, responder a um chamado da igreja para um trabalho voltado para os menos favorecidos de forma a minimizar as injustiças sociais, principalmente, no que diz respeito a uma educação de maior qualidade. Porém, por conta da lei de filantropia¹¹ ao qual o colégio é filiado, ao voltar-se para os menos favorecidos é isento de determinadas obrigações em relação ao fisco.

Inicialmente o curso oferecia classes de alfabetização e classes preparatórias ao antigo exame de madureza de 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental. Em 1972 oficializou-se o ensino supletivo de 1º grau. No final de 1973 fez-se nova solicitação para ampliar o supletivo para o 2º grau junto ao Conselho Estadual de Educação da Guanabara através do Parecer nº 1577 em sessão plenária realizada em 31 de dezembro de 1973, assim

¹⁰Entrevista Estruturada é semelhante ao questionário porque as perguntas são estruturadas, com perguntas fixas. A não estruturada não possui o modelo de perguntas fixas, possibilita ao entrevistador introduzir novas perguntas o que lhe confere um caráter muito similar a uma conversa não muito formal. (Moreira e Caleffe, 2008, p.168).

¹¹A Associação Nóbrega de Educação e Assistência Social (Aneas) ao qual o colégio é filiado é mantenedora de 16 filiais e foi fundada em 1900 pelos jesuítas. Dedicada ao ensino e a filantropia nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro tem a função de gerir os projetos e as ações voltadas para a educação e assistência social. Tem a obrigatoriedade de oferecer 20% de sua receita em gratuidade. Só no curso noturno, todos os alunos, em torno de 1.200 são bolsistas. <http://www.rhportal.com.br/artigos> acesso 18/11/2010.

(...) ficaram oficializados os cursos de Aprendizagem Profissional e Curso Intensivo de Qualificação Profissional: Eletricista instalador, Prático de Rádio, Corte e Costura, Manicure, Educação Alimentar, Artesanato em vime, Plástico e cipó, Auxiliar de Escritório, Auxiliar de Patologia Clínica, Desenho mecânico e Taquigrafia. Os cursos aprovados para o 2º grau profissionalizante são: Técnico de Desenho, Assistente de Administração, Técnico de Laboratório de Análises Clínicas, técnico de Enfermagem, Auxiliar de Desenhista Mecânico, Auxiliar Desenhista de Tubulação, Auxiliar Desenhista Civil, Auxiliar de Processamento de Dados, Auxiliar de Escritório, Auxiliar de Patologia Clínica em Hematologia e Imuno-Hematologia, Auxiliar de Patologia Clínica em Bacteriologia e Parasitologia, Auxiliar de Patologia Clínica em Bioquímica do Sangue e da Urina, Auxiliar de Serviços Médico Cirúrgico, Auxiliar de Serviços Materno-Infantil e Auxiliar de Serviços Neuropsiquiátrico. (MARQUES e FERREIRA, 1974, p. 7)

Em 1998, por força da Lei brasileira de ensino, LDBEN Nº 9394, o curso noturno sofreu mudanças. O ensino profissional foi separado da educação básica e passou a formar alunos em cursos técnicos de Administração, Enfermagem e Patologia Clínica. Também oferecidos cursos livres de auxiliar de serviços médicos, datilografia/iniciação à digitação e corte e costura (remanescentes dos antigos cursos de iniciação ao trabalho).

Atualmente o curso noturno funciona de 2ª a 6ª feira, das 19h às 22h. São oferecidos cursos de Alfabetização, Ensino Fundamental, Médio e Profissional (Administração, enfermagem e Análises Clínicas). Os cursos livres são: primeiros socorros; corte e costura; datilografia/introdução à informática. A classe de alfabetização, Primeira fase do Ensino Fundamental (E.F.) e Segunda fase do EF têm duração de um ano cada uma. As demais fases do Ensino Fundamental são desenvolvidas em um semestre letivo para cada fase (da 3ª a 8ª fase). O Ensino Médio tem a duração de dois anos. A educação profissional está estruturada em sistema de módulos, totalizando oito módulos, em cada curso, distribuídos em dois anos letivos.

Para atuação dos educadores das áreas como formação cristã, os profissionais possuem formação específica em Teologia e nos Serviços de Orientação assistentes sociais, psicólogas, pedagogas e uma médica compõem o quadro. Nos demais segmentos, da alfabetização a 4ª fase basta ter a graduação no magistério superior. E de 5ª a 8ª fase uma licenciatura. Na Educação Profissional os docentes são formados em Administração de Empresas.

Para o ingresso no curso Noturno, os candidatos no processo de seleção devem comprovar que pertencem à classe trabalhadora de baixa renda. Para o Ensino fundamental é preciso ter no mínimo 15 anos, para o Ensino Médio 17 anos completos e para a Educação Profissional ter o Ensino Médio completo. A primeira etapa inicia-se com as inscrições dos candidatos nos finais do primeiro e segundo semestres (junho e novembro). Em seguida ocorrem as entrevistas com as Assistentes Sociais do serviço de orientação. Há um curso de

classificação que completa o processo de seleção para os candidatos às primeiras fases (alfabetização 1ª e 2ª fases) e para os demais candidatos as outras fases, são realizadas provas.

No início do estudo, a intenção era entrevistar um professor de cada segmento, que são eles: 1º Segmento (compreende alfabetização a 4ª fase), 2º Segmento (5ª Fase a 8ª fase), Ensino Médio e Ensino Profissionalizante. Depois optei por dois educadores de cada segmento para aprofundar as questões. Porém, mesmo não encontrando resistência ao convite por parte dos professores, dois deles não foram entrevistados. A justificativa foram as emergências surgidas nos momentos de intervalo e a impossibilidade de reprogramar novo encontro por parte dos dois docentes, totalizando assim seis entrevistas, sendo um educador do 1º segmento, dois educadores do 2º segmento, dois da Educação Profissional e um do Ensino Médio.

Os educadores que participaram da entrevista optaram por realizá-la no local de trabalho, o que facilitou os encontros que ocorreram antes do horário das aulas ou entre os intervalos.

Ressalto que para manter a discrição sobre a identidade dos educadores, estes, serão denominados Educador 1, Educador 2, Educador 3, Educador 4, Educador 5 e Educador 6.

As perguntas norteadoras foram: Há quanto tempo você trabalha na instituição? Qual é a sua formação? Em algum momento da sua graduação ou de sua carreira profissional teve algum contato com a EJA? O que é a Pedagogia Inaciana? Você acha que a Pedagogia Inaciana contribui para sua formação como educador (a) de jovens e adultos?

Em relação à primeira pergunta, o tempo de trabalho na instituição varia de um (1) a trinta e sete (37) anos. O educador que há mais tempo permanece na instituição possui uma relação bem estreita com o colégio, já que também foi aluno da EJA no mesmo, antes de tornar-se educador. Vale salientar que ele não é o único com essa realidade, outros dois colegas de profissão (não selecionados para a entrevista) viveram essa experiência, de alunos tornarem-se educadores. Serve de incentivo a muitos alunos e é visto com admiração por colaboradores e educadores dessa instituição de ensino. Esse exemplo é uma prova concreta da possibilidade real de mobilidade social tão almejada pelos educandos. Inclusive, no ano de comemoração de quarenta anos do Curso Noturno, em 2008, este educador teve sua história relatada em um painel na recepção do colégio.

Um dos educadores preocupou-se com as respostas que daria, por ter pouco tempo de “casa”, o que é compreensível; outros queriam ler as perguntas antes da entrevista, o que disse não ser possível, pois o interessante seriam as respostas dadas de forma espontânea. No passado, segundo antigos educadores, ao entrar todos recebiam formação sobre a Pedagogia

Inaciana. Porém, atualmente essa formação deixou de ser realizada com maior frequência. De acordo com as próprias recomendações do livro *Pedagogia Inaciana: uma proposta prática* no capítulo dedicado aos programas de formação para o professorado, afirma-se que:

nesse sentido estamos convencidos de que nos centros educativos, províncias ou regiões onde se utilizará este Paradigma Pedagógico Inaciano, serão essenciais os programas de formação do professorado que incluam uma preparação no local. Já que só se consegue dominar as técnicas de ensino mediante a prática, os professores precisarão, não só de explicações sobre métodos, mas também de oportunidade para neles se exercitarem. (*Pedagogia Inaciana: uma proposta prática*, 1994, p.79).

Durante o tempo de trabalho que possuo na instituição em dois momentos tive contato com a Pedagogia Inaciana: o primeiro ainda na época de estágio, antes de ser efetivada como professora em dezembro de 2007. Todos os estagiários deveriam ler o livro citado acima e o segundo momento foi em um sábado de formação permanente. Percebi a ausência no noturno de uma equipe que fosse responsável por essa formação, que não deveria limitar-se a fala de determinados coordenadores. Talvez, por isso, certo desconforto por parte de alguns educadores em conceder-me a entrevista sobre a pedagogia em questão.

A formação inicial dos docentes é composta de administradores de empresa, Pedagogos e Letras, sendo que um deles tem Mestrado em lingüística. Dentre esses, dois tiveram contato com a EJA no início de sua carreira profissional, através de projetos particulares ou de convênios com o Serviço Social da Indústria (SESI)¹², que expressa uma marca da Educação de Jovens e Adultos muito vinculada a programas, projetos e demais iniciativas da sociedade civil. Assim como nos estudos de Soares (2008), Benício (2010), Moura (2010), Arroyo (2006) e Machado (2000 e 2010), observamos que os docentes com graduação ou pós-graduação não possuem, em sua maioria, uma formação específica para atuar na EJA. Além dessa ausência, nenhum dos educadores entrevistados mencionou ter cursado uma disciplina eletiva sobre a EJA em suas graduações.

Na terceira pergunta que se refere ao contato desses docentes durante a graduação ou a carreira profissional com a EJA, uma das entrevistadas mencionou uma pós-graduação realizada em Auditoria, outra Pós-graduação em Currículo e Prática Educativa, contudo, a EJA só foi abordada nesse último estudo por interesse da educadora mediante sua prática na modalidade. Conforme minhas observações do campo de pesquisa, não há entre os educadores um número significativo que deem continuidade aos estudos focando a área da

¹²O Serviço Social da Indústria – SESI é uma entidade que se dedica a atender os trabalhadores da Indústria, Fundado na época do governo de Getúlio Vargas. Oferece centro de atividades, colônias de Férias, Clube dos Trabalhadores e programas como Ação Global. www.sesi.org.br acesso 23/09/2010.

EJA. Do total de cinquenta e cinco educadores, um número expressivo leciona no colégio há 30 (trinta) anos e não teve nesse tempo contatos com livros ou artigos sobre a EJA. Alguns por desconhecimento dizem que não há nada sobre a área, outros que são poucos os materiais disponíveis, porém, há falas sobre o campo, de forma generalizadas, somente a partir do que ouviram dizer, sem uma busca de fato em conhecer o que ocorre no campo. No colégio não circulam documentos legais que embasam a EJA entre a comunidade educativa e não há na biblioteca, até a presente pesquisa, referenciais teóricos- metodológicos disponíveis.

A educadora 3 foi apresentada a EJA, informalmente, pelos únicos professores que atuavam no campo em sua universidade. Há que se dizer também que a área não tem adesão de uma parcela significativa de docentes em grande parte das universidades. Então são pequenos grupos de professores, isso quando a referência na universidade não está na figura de um ou dois professores, como é o caso citado pela entrevistada: *Durante a graduação dois professores me apresentaram a EJA, por isso que eu escolhi esse caminho, mas somente eles apresentam informalmente a EJA, eles trabalhavam com isso (Educadora 3).*

A relação defasagem idade/série, destacada pela educadora 2, corresponde aos alunos matriculados no Ensino Fundamental, na faixa etária de 6 a 14 anos que, por diversos fatores não estão na fase “adequada” que corresponda a sua idade. Muitos dos jovens e até adolescentes que vem ingressando na EJA são oriundos dessa realidade. A educadora em questão convive com esse fato nas escolas do município onde atua.

Mas eu trabalhei em projetos que visavam né essa defasagem série/idade é e assim esses jovens já eram bem defasados né, em turmas de aceleração, então a proposta era essa, acelerar os estudos desses meninos através do projeto. Tanto aqui né que eu trabalho com 5ª, 6ª e 7ª fases, quanto no outro trabalho, que eu trabalho que é do município e que eu lido com muitos jovens né, e esses muitos são é marginalizados né, empobrecidos quanto os da clientela aqui (Educadora 2).

É real a procura de jovens e adultos que buscam a EJA com o objetivo de verem realizadas suas expectativas em relação aos estudos para melhores condições de vida e ingresso no mercado de trabalho. O processo de aceleração dos estudos ao qual muitas instituições submetem seus cursos tem o intuito de reduzir as estatísticas do analfabetismo, com oferta de cursos aligeirados e superficiais de ensino. Para Rummert (2002):

O acesso à escola é geralmente desejado porque freqüenta-la e, sobretudo, obter uma certificação de escolaridade, significa, supostamente, o acesso a bens materiais e simbólicos que a população com baixa ou nenhuma escolaridade é levada a acreditar não possuir por deficiências próprias e individuais. (RUMMERT, 2002, p. 126).

Recordo-me que ao ler o livro *Ciência(s) da Educação* de Mazzotti e Oliveira (2002), no capítulo sobre as metáforas cognitivas, há uma que se encaixa nessa relação tão entranhada na escola que é a relação defasagem idade/série. A metáfora do Percurso.

Tal metáfora encontra-se no centro das teorias educacionais, pois supomos que os educandos devem realizar um certo conjunto de tarefas, ao cabo das quais estarão educados...mesmo não tendo certeza, há muitos colegas, muitos professores, que julgam seus alunos segundo uma métrica temporal: se fulano está no terceiro bimestre, deve ter aprendido X, mas não aprendeu; logo, estará atrasado em relação ao programa. Certamente a noção do tempo escolar, de tempo de escolarização considerado adequado, não decorre da lei natural. A metáfora percurso escolar implica significativamente algumas noções sobre o programa escolar que “deve ser seguido”; o “tempo correto” da aprendizagem etc. (MAZZOTTI E OLIVEIRA, 2002, P. 27).

Reflito sobre minha experiência na EJA em alfabetização, onde essa lógica do tempo, mesmo presente, deve ser trabalhada com cuidado, até porque as pessoas a que esse curso se destina já “passaram” do “tempo certo”. O tempo para eles é o hoje, o agora. Nesse sentido, o tempo escolar é contra eles. Se nos pautamos nessa metáfora do percurso, que existe um tempo para aprender, o que fazer com os milhões de brasileiros adultos e jovens que não aprenderam nesse tempo estipulado? Negar-lhes o direito de aprender agora? Por isso o trabalho deve ser diferenciado.

Outro ponto a ser destacado a partir da fala da educadora 2 é a visão sobre os jovens, que em muitas das vezes restringe-se a um olhar escolarizado, avaliar e acompanhar a trajetória escolar do aluno a partir dos elementos que usamos para classificá-los de acordo com as exigências escolares, e não como jovem que realmente é. A marginalização e a exclusão a que é submetido não é uma característica da juventude, e sim, um problema social, ou seja, de desigualdade social. A EJA dessa forma continua a ser encarada como suplência no sentido de suprir a educação escolar regular para adultos e jovens que não a tiveram na idade indicada legalmente.

Esses alunos que vêm de um contexto socioeconômico complexo, como já mencionado por Fischer (2006), dando conta de uma realidade de muitas emergências para sua sobrevivência, provenientes de classes populares, excluídos e marginalizados de diferentes maneiras, são assim perfilados em grande parte da literatura que se propõe a abordar as especificidades desses sujeitos, de acordo com Arroyo (2006):

(...) a formação do educador da EJA deveria ser um projeto de formação que colocasse a ênfase para que os profissionais conhecessem bem quem são esses

jovens e adultos, como se constroem como jovem e adulto e qual história da construção desses jovens e adultos. (ARROYO, 2006, p.25).

Pois a visão sobre esses alunos como sujeitos de direitos, emancipados, militantes, envolvidos em diferentes lutas não corresponde aqueles que, normalmente, encontramos em nossas salas de aula. Volto a concordar com Fischer, quando faz essa intervenção com Arroyo, que esse aluno descrito por ele, é um desafio a nós enquanto educadores. Digo isso porque foram muitas as vezes em que os alunos recorriam a mim com o intuito de que dissesse a eles como resolverem seus problemas, desde relações conjugais, aborto, em quem votar, o que dizer a um patrão em uma situação complicada no emprego e, ainda, o que fazer com os problemas que os filhos ou netos apresentam.

Esse comportamento não é generalizado, mas a grande maioria possui essa postura, que se encontra um pouco distante de uma posição emancipatória. Somos tomados como referência para intervir em suas realidades. Nesse sentido, é um desafio, principalmente, quando nos conselhos de classe o que está em jogo na avaliação não é tanto o conhecimento, mas a vida do educando. Como ouvi em um desses momentos “olha, esse aluno tem uma vida muito difícil, não vamos reprová-lo não, deixa ele passar” (observações de campo, Conselho de classe 2010). Esse olhar está impregnado de “paternalismo” e “assistencialismo” em todo processo pedagógico. A fala de um dos educadores reflete essa ideia (...) *que nós encaramos o aluno um ser carente por completo e nós que vamos dar a eles o que nós achamos que eles precisa* (Educador 5). Ainda que seja uma fala por parte do docente sobre a ação de alguns colegas de trabalho sobre o alunado, está carregada da posição do professor como dono do saber, o que contraria a literatura pedagógica atual, que enfatiza o educador como mediador e em constante processo de aprendizagem. Além disso, traz em si o que a autora Magda Soares (2005) chama de ideologia da deficiência ou da patologização da pobreza¹³, no sentido do educador ser aquele que pretensiosamente escolhe o que é melhor para eles a partir de suas “faltas”.

Essa fala reflete também um desconhecimento sobre os processos históricos, sociais, políticos e econômicos geradores das condições que levam os educandos à EJA. Isso me recorda, enquanto educadora da instituição, os embates em alguns momentos sobre a

¹³A ideologia da deficiência, privação ou carência surgiu nos Estados Unidos na década de sessenta e nessa mesma época se expandiu para América Latina e Europa. A população Americana era composta por minorias étnicas que sofriam constantes processos de marginalização e segregação, discriminados do mercado de trabalho e do sistema de ensino. As medidas adotadas para a integração social dessas minorias não buscaram a verdadeira razão da discriminação econômica e social, a estrutura do sistema capitalista. Procuraram-se causas que explicassem a marginalização da sociedade fora do sistema que a compunha. Os estudos sempre partiam de um modelo ideal comportamental da classe dominante em comparação a realidade da classe socialmente desfavorecida. (SOARES, 2005, ps. 18-19)

exigência de tarefas escolares. A justificativa para não passar um exercício de casa, ou uma apostila de férias (exemplo: atividades como ir ao sacolão ou hortifruti e pesquisar o preço da batata durante duas semanas), era o cansaço dos educandos. Os alunos solicitavam essas atividades, conforme diziam “pra gente não esquecer, professora”. Então, se o educador supõe escolher o que é melhor para seu aluno, o conhecimento, que os educandos buscam com todo direito na escola, é fragmentado, reduzido, por conta da visão de carências. Dar o que acham que eles merecem.

Para os educadores, a Pedagogia Inaciana, é um modo diferente de agir pedagogicamente, que lhes possibilita um olhar humanizado para os alunos e, que se estende para outros espaços formais de educação onde atuam. É o grande diferencial para os alunos e também educadores do colégio, pois os destaca e se destaca das demais propostas que conhecem. A fala dos educadores aponta isso:

(...) um curso técnico você acha em qualquer lugar, na verdade são variações sobre o mesmo tema, o grande diferencial do aluno que é formado no colégio é justamente esse foco humano, esse lado humano no trato com seu semelhante e não apenas na questão tecnicista (Educador 5).

O grande foco é o processo humanístico da educação né a grande questão da Pedagogia Inaciana é valorizar o ser humano enquanto tal e fazê-lo crescer nas habilidades de ser humano a partir da crença no potencial dele, no amor na interação entre professor e aluno (Educador 4).

(...) é uma coisa assim que destaca dentro de muitas outras A filosofia coloca a gente numa posição diferente das outras, ela leva a gente a trabalhar um pouco diferente (Educador 6).

Visa à formação integral do ser humano (Educador 1).

é um modo de agir levando em conta, agir pedagógico, levando em conta os valores de humanidade, de solidariedade, de ver um outro com uma imagem de Deus mesmo.(Educador 3).

(...) acima de tudo uma experiência muito diferente. (Educador 2).

Primeiramente, não percebo nas falas acima uma educação e formação dos alunos que os conduza a serem sujeitos autônomos. No livro sobre a Pedagogia Inaciana recomenda “incluir uma perspectiva do mundo e uma visão da pessoa humana ideal que se pretende formar”. (Pedagogia Inaciana, 1994, p.22), e continuando “... pois o objetivo da educação jesuíta é, antes, o desenvolvimento global da pessoa” (p.23). Em complementaridade a essa pergunta, observo que a educação humanista entendida pelos educadores está centrada *no trato com seu semelhante, no amor na relação entre professor e aluno*. Educar jovens e

adultos para serem “homens e mulheres para os outros” (Pedagogia Inaciana, 1994, p.24). Os princípios de acolhimento e excelência também são colocados como aspectos fundantes dessa pedagogia.

Esses sentimentos, essas posturas reiteram o caráter paternalista e pouco educativo do qual a EJA tenta se livrar e que em muito se distancia dos referenciais teóricos defendidos na área hoje. Inclusive, encobrendo de certa forma escondendo atrás dessa visão humanista os reais valores de solidariedade¹⁴ e democracia.

Outro ponto que destaco a partir das falas é que a formação integral, o desenvolvimento global da pessoa faz parte do discurso. Há uns modismos na Educação que reproduzimos sem ter muita ciência do que representam de fato. Essa formação integra o quê? Ênfase no lado cognitivo? Pedagógico? Técnico? A formação integral de um sujeito envolve muitos aspectos, relacionais, emocionais, psicológicos, espirituais, físicos. Assim sendo a Pedagogia Inaciana não consegue contemplar tudo isso.

Os educadores mencionam que *é uma experiência muito diferente, ela leva a gente a trabalhar um pouco diferente*, porém, não explicitam como e o que é essa diferença. Como pode ser diferente se reclamam que a mesma não é mais bem detalhada nos momentos de formação? Se não há uma compreensão mais clara do que seja a Pedagogia pesquisada?

A educação humanista tão ressaltada pela Pedagogia Inaciana surgiu na idade moderna com a Renascença em uma atitude contrária a educação teocêntrica, característica da idade média, que também tinha na escolástica a influência sobre todo processo pedagógico. Ao romper com os ideais teocêntricos que deixa de atender as necessidades da época, vastas descobertas emergem, entre elas: a bússola, a imprensa, a pólvora etc. A educação nesse momento volta-se para o homem, não o separa da natureza. Prega que todas as pessoas têm seu valor e dignidade, com ênfase na liberdade para desenvolver-se de modo mais laico e em processo permanente de descobertas. Paulo Freire é um representante dessa corrente e defensor de um processo libertador de ensino, que não privilegia as “falsas consciências”, a “alienação”, os preconceitos e a ignorância, sendo favorável a uma educação que privilegie a autonomia, em face de todo processo de globalização, robotização e informações em tempo real. Mas ao dar aquilo que acham que os alunos precisam caminham no sentido oposto do que Paulo Freire em suas obras propõe.

¹⁴ Solidariedade segundo o Miniaurélio é laço ou vínculo recíproco de pessoas ou coisas independentes. 2. Apoio a causa, princípio, etc. de outrem; 3. Sentido moral que vincula o indivíduo à vida. Aos interesses de um grupo social, duma nação, ou da humanidade. (2008, p. 747).

Outro ponto destacado pelo Educador 2, sem a sua percepção sobre o fato, são as contradições que emergem quando diz que:

Então eu acho que a Pedagogia Inaciana ela vai ao encontro de uma educação modernizada, integradora e também essa questão da formação né cristã, religiosa, que eu acho que também há uma necessidade né, sem impor uma doutrina, sem impor uma questão é católica, eles conseguem trabalhar o ser humano como um todo (Educador 2).

Quando o aluno ingressa no colégio ele é avisado das atividades litúrgicas que o colégio desenvolve e da importância de sua participação nesses momentos. Porém, ainda que não seja uma imposição clara, ela ocorre de forma muito sutil, pois se o educando resolveu estudar em um colégio confessional, nesse caso, deve participar com toda a comunidade educativa do evento. A contradição ocorre quando essa pedagogia é vista como “modernizadora” e “integradora” na visão do docente, por não impor doutrina a seguir e, caminha com algumas falas de um olhar humanizado que a Pedagogia Inaciana favorece, mas um olhar focado nas carências.

Na última pergunta, os educadores responderam afirmativamente que a pedagogia Inaciana contribui para a formação deles enquanto educadores de jovens e adultos, quando favorece esse olhar humanizado, uma postura de acolhimento como elemento facilitador ao trabalho docente, de aprendizagem, de escuta e de valorização das raízes culturais dos educandos e que os faz diferentes de profissionais de outras instituições.

Trazendo os referenciais teóricos do estudo que salientam os sujeitos da EJA em todo processo formativo e pedagógico dos educadores, destaca-se a importância da configuração de cursos sejam iniciais ou permanentes onde temas relevantes aos contextos sociais, políticos e econômicos referentes à realidade dos alunos sejam contemplados nesses espaços. Para Di Pierro (2006):

é necessário embasar essa formação em teorias pedagógicas sobre a juventude e a vida adulta, cuja formulação está em constante construção, e que deve considerar as matrizes formadoras dos alunos e alunas da EJA: a condição de opressão, a produção da existência, o trabalho, a cultura, os movimentos sociais. (DI PIERRO, 2006, p. 282)

Para os educadores, a Pedagogia Inaciana os forma, porém algo me inquietou nessas falas, pois, em nenhum momento, eles mencionaram a necessidade de buscar uma formação que se complemente com a Pedagogia proposta pelo colégio, como se esta contemplasse todas as singularidades que a Educação de Jovens e Adultos apresenta. Observa-se até um orgulho

em se destacar essa atitude e por ser um diferencial em relação às outras instituições de ensino, também por se tratar de um colégio tradicional de prestígio, que “pesa” positivamente no currículo de qualquer professor.

De início, havia uma preocupação em estudar o próprio ambiente de trabalho e de manter dentro do possível a distância necessária para refletir e analisar o que suscitava o problema da pesquisa. Cada fala, uma conversa rápida durante o intervalo, momentos antes de reuniões, conselhos de classe, tudo, era propício para observação.

Coloco aqui minha inexperiência como entrevistadora, fato que pode ter contribuído para que novas perguntas não fossem realizadas, melhor esmiuçadas para uma análise mais profunda.

O tempo também foi curto, principalmente, após meu desligamento do colégio em outubro de 2010, o que dificultou coletar dados mais precisos sobre a instituição e a Pedagogia estudada.

A Pedagogia Inaciana poderá contribuir quando e somente levar o educador a refletir dentro desse ambiente escolar sobre o que entendem por Educação de Jovens e Adultos. Para quem lecionam, quem são seus alunos? Oferecer uma educação de qualidade, não a partir do que julguem ser suficiente a eles, mas ofertar o que é necessário, dentro das singularidades e como um Direito assegurado e não para ratificar o paradigma da “escola regular” para crianças e adolescentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CAMINHO: A EJA COMO CAMPO PEDAGÓGICO

Início minhas considerações finais com a pergunta que problematizou toda pesquisa: como a pedagogia proposta contribui para a formação do educador de jovens e adultos dessa instituição? Como educadora dessa modalidade de ensino, percebo que suas contribuições são insuficientes para as demandas específicas que a área exige.

A partir de meu processo de formação no curso de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro em Educação de Jovens e Adultos senti o quanto estávamos estagnados em termos de buscas formativas que nos ajudassem a lecionar na área. O problema ganhou “volume” e mais inquieta fiquei sobre a minha prática pedagógica dentro desse estabelecimento de ensino sob a perspectiva da Pedagogia Inaciana. A pergunta constante que não queria calar: com quem ela dialoga? E para contribuir precisa dialogar, se isso não ocorre, pouco contribui.

Ficou clara a importância de estudos sobre os documentos que embasam a EJA. O educador que pretende ou já atua no campo deve posicionar-se de acordo com os objetivos apresentados na aula sobre as finalidades do curso de Especialização: ampliar e aprofundar o conhecimento e o espírito crítico investigativo sobre a EJA e sua área de ação profissional; analisar teoria e prática em alinhamento com as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação do Pedagogo, tarefas específicas, metodologia e conceitualização da EJA. (Slides, aula dia 29/08/09 Introdução à metodologia da pesquisa).

Como dizer que a pedagogia é modernizadora se não temos maior conhecimento sobre as concepções históricas, sociais, econômicas e políticas que envolvem instancias que impactam no cotidiano dos discentes como família, Direitos Humanos, violência, Mundo do trabalho? Sem minimizar ou reduzir as relações existentes nesse universo. E o que dizer do desconhecimento sobre a diversidade de elementos que compõe o currículo, principalmente, na EJA. Que concepções predominam em nosso fazer educativo no campo, o currículo crítico, o supletivo ou por competências? A complexidade presente nas relações étnicas que se apresentam nas classes da EJA.

Somente ao tomar contato com todos esses conhecimentos, pude perceber o quanto temos por caminhar e estudar.

Observo a partir da fala dos educadores que reconhecem a Pedagogia Inaciana como um eixo em sua formação. Talvez afirmem isso por sentirem-se inseguros ou por receio de comprometer o seu trabalho em dizer o oposto. Até porque a partir da pesquisa fica explícito que só ela não é suficiente para formar o educador de jovens e adultos dessa instituição. Quanto a conhecer, ainda tenho minhas dúvidas. A conhecem por repetirem as palavras chaves que norteiam a proposta? Questiono-me também e vejo que não tenho muita clareza sobre ela, porque dizer que é um modo diferente e não ter clareza dessa diferença, que não dialoga com outro referencial, há que se rever o discurso.

Outro ponto que me chama a atenção é que o Centro Pedagógico Pedro Arrupe¹⁵ criado em 1989 e vinculado a Associação dos Colégios Jesuítas (ACOJE), durante os três anos e dois meses em que fui educadora no colégio, o Centro não teve uma presença significativa junto ao Curso Noturno, sem uma atuação conforme explicita em seus objetivos. Segundo o site do referido Centro o objetivo é fortalecer e aprimorar a ação dos educadores no Ensino Básico formal e não formal, assessorar o planejamento, o desenvolvimento a reflexão e a avaliação do serviço educativo nos colégios, promovendo a capacitação de seus agentes, através da pesquisa, do estudo da problemática educacional da atualidade.

O local de trabalho deve, como um dos espaços privilegiados de formação continuada, preocupar-se com novas interlocuções de maneira a garantir a qualidade da educação que pretende oferecer aos sujeitos da EJA que nela ingressam. Promover um movimento entre seus educadores de produção de suas trajetórias profissionais para que o momento formativo destinado a esses tenha mais significado e se converta em contribuições que enriqueçam a construção de práticas mais criativas, libertadoras e dialógicas com as teorias existentes e com as novas epistemologias que surgem para as novas configurações do campo.

Acredito também que todo educador, ainda que não se dê conta, tenha e construa a sua própria teoria. Recordo que no livro *Ciência(s) da Educação* de Mazzotti e Oliveira (2002), quando estava na graduação, o primeiro capítulo abordava exatamente essa questão. É comum dizermos que a teoria não tem nada a ver com a prática, mas no fundo acreditamos que algo a fundamenta. E o que fundamenta nossas práticas, o que temos a escrever sobre elas? Como

¹⁵O Centro Pedagógico Pedro Arrupe tem seu nome inspirado no Padre Pedro Arrupe, que foi Superior Geral da Companhia de Jesus por quase 20 anos, e uma figura central na renovação da Companhia após do Concílio Vaticano II, dando especial atenção às origens do carisma inaciano, em articulação com os sinais dos nossos tempos. Criado em 1989, é vinculado à ACOJE, Associação dos Colégios Jesuítas que atuam na Região Sudeste. Objetiva animar, fortalecer e aprimorar a ação dos educadores que integram a Província do Brasil Centro-Leste da Companhia de Jesus, no Ensino Básico formal e não formal. (www.pedroarrupe.com.br) acesso 23/09/2010.

disse Osmar Fávero (2010) no I Congresso Internacional da Cátedra da UNESCO em EJA “é preciso que o educador de jovens e adultos registre a sua prática”.

Registrar pelo ato em si não basta, principalmente quando desconheço os fundamentos que possibilitam compreender o porquê desses jovens e adultos estarem nessa instituição.

A formação continuada de um educador não deve limitar-se aos espaços e aos materiais oferecidos pela instituição de ensino em que estamos inseridos, com a devida e cuidadosa reflexão dos impactos da proposta pedagógica em nossa prática educativa, e conseqüentemente, em nossa formação como educadores de jovens, adultos e idosos trabalhadores.

O olhar humanizado não é suficiente, importante, mas não único. Percebo que ao final desse estudo a pergunta continua, mas com um acréscimo: como não aliar a essa formação outros elementos imprescindíveis para os docentes e os educandos?

Perrenoud (2002) com base nas idéias de Donald Schön sobre o profissional reflexivo o autor ressalta a importância e propõe a “reabilitação da razão prática” como caminho para uma formação em constante mudança. Em seu decálogo sobre as práticas relevantes no ofício do educador, destaco algumas que podem convergir para a formação do educador de jovens e Adultos, são elas: propiciar uma evolução rumo à profissionalização preparar-se para assumir uma responsabilidade política e ética; favorecer meios necessários para trabalhar sobre si mesmo; cooperação entre colegas e capacidade de inovação. Aspectos fundamentais para alimentar a prática pedagógica de todo docente.

Eles conhecem a Pedagogia Inaciana, não sei se por tanto ouvirem as palavras chaves que impregnam o documento. As palavras e as ações de fé, amor, solidariedade, compaixão são muito dignas e válidas, porém, focar a formação de um profissional, ou este, ter como foco a presente pedagogia somente, não é suficiente para as contribuições que certamente esses educadores podem dar, sempre dialogando com outros referenciais.

A partir dessa pesquisa, fica claro a necessidade de políticas públicas que permitam maior investimento e envolvimento das universidades e demais instâncias na formação dos educadores de jovens e adultos. Não é mais possível a continuação de práticas aligeiradas e descontínuas em relação a essa modalidade de ensino e aos seus docentes e discentes, quando se pretende alavancar a qualidade da educação brasileira. Enquanto não entendermos que a necessidade de formação para esse educador deva ser levada com mais comprometimento e seriedade, a constituição da EJA como um campo pedagógico implica o reconhecimento da Educação Básica e Educação Continuada como DIREITOS DE TODOS (educandos e educadores), de corpo de saberes práticos e teóricos específicos como conteúdos e da

formação inicial e continuada como fonte de aperfeiçoamento profissional atreladas às especificidades da área.

Finalizo a pesquisa consciente que esta não está acabada. Ao contrário, a incompletude das questões aqui estudadas poderá ser aprofundada em estudos posteriores.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Laurinda Ramalho. **Curso Noturno: uma abordagem histórica**, 1988. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf> Acesso 23/09/2010.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da educação e da Pedagogia: geral e Brasil**. 3ª ed. São Paulo: editora Moderna, 2006.

AURÉLIO, Buarque de H. Ferreira. Miniaurélio da Língua Portuguesa. Reforma Ortográfica, 2008, Ed. Positivo.

ARROYO, Miguel. **Formar educadores de jovens e adultos**. In: formação de educadores de jovens e adultos. SOARES, Leôncio – Belo Horizonte: Autentica/SECAD-MEC/UNESCO, 2006.

Klein, Luiz Fernando SJ. **Atualidade da Pedagogia Jesuítica**. SP, Ed. Loyola. 1997.

BARRETO, Vera. **Formação permanente ou continuada**. In: formação de educadores de jovens e adultos. SOARES, Leôncio – Belo Horizonte: Autentica/SECAD-MEC/UNESCO, 2006.

BENÍCIO, Maria Luiza Tavares. **Caminhos da formação: contextos, sujeitos e seus processos**, In: "... e uma educação pro povo, tem?" Costa, Renato Pontes e Calháu, Socorro (orgs.). – Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2010.

BRASIL. VI CONFINTEA, Marco de Ação de Belém. Brasília, abril de 2010. MEC/UNESCO.

Características da Educação da Companhia de Jesus. Educação S.J. Subsídios. Coleção: Documenta S.J 4. Edições Loyola, 4ª edição, São Paulo, 1989.

DI PIERRO, Maria Clara. **Contribuições do I Seminário Nacional de formação de educadores de jovens e adultos**, 2006. In. SOARES, Leôncio (org.) Formação de educadores da educação de jovens e adultos. Belo horizonte: Autêntica, SECAD MEC/UNESCO, 2006.

FÁVERO, Osmar. **Mesa redonda História e tempo presente na EJA**. I Congresso Internacional da Cátedra UNESCO, João Pessoa, Paraíba, Brasil 2010.

FISCHER, Nilton Bueno. **Formação de professores de EJA: comentários interativos com o professor Miguel González Arroyo**. In. SOARES, Leôncio (org.) Formação de educadores da educação de jovens e adultos. Belo horizonte: Autêntica, SECAD MEC/UNESCO, 2006.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Analfabetismo no Brasil: da ideologia da interdição do corpo à ideologia nacionalista, ou de como deixar sem ler e escrever desde as Catarinas (Paraguaçu), Filipas, Madalenas, Anas, Genebras, Apolônias e Grácias até os Severinos**. 3ªed. - São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MACHADO, Maria Margarida. **A formação do educador de jovens e adultos: desafios políticos e pedagógicos**. I Congresso Internacional da Cátedra Unesco, João Pessoa, Paraíba, 2010.

_____. **A prática e a formação de professores na EJA: uma análise das dissertações e teses produzidas no período de 1986 a 1998**. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos>. Acesso 23/09/2010.

MARQUES, Maria Aparecida Barbosa. FERREIRA, Eudson de Castro. Estudo Histórico Avaliativo da Experiência Supletiva do Colégio. Rio de Janeiro, 1974. Página 7 item 2.1.

MAZZOTTI, Tarso Bonilha e OLIVEIRA, Renato José de. **Ciência(s) da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MOREIRA, Herivelto e CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MOURA, Tânia. Mesa redonda **A formação de educadores de jovens e Adultos**. I Congresso Internacional da Cátedra Unesco. João Pessoa, Paraíba, Brasil 2010.

OLIVEIRA, Marta Khol. **Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. Trabalho apresentado na XXII Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, setembro de 1999.

PEDAGOGIA INACIANA: uma proposta prática, Edições Loyola, São Paulo, 1994.

PERRENOUD, Philippe. A prática reflexiva no ofício de professor. Profissionalização e Razão Pedagógica. Porto Alegre Ed. Artmed

RIBEIRO, Vera Masagão. **A formação de educadores e a constituição da educação de jovens e adultos como campo pedagógico**. Educação & Sociedade, ano XX, n/ 68, Dezembro/99.

RUMMERT, Sonia Maria. **Formação continuada dos educadores de jovens e adultos: desafios e perspectivas**. In: formação de educadores de jovens e adultos. SOARES, Leôncio – Belo Horizonte: Autentica/SECAD-MEC/UNESCO, 2006.

_____. **Jovens e adultos trabalhadores e a escola: A riqueza de uma relação a construir**. In: A experiência do trabalho e a educação básica. FRIGOTTO, G. & CIAVATTA, Maria (orgs). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SOARES, Leôncio José Gomes. **Avanços e desafios na formação do educador de jovens e adultos**. In: formação de educadores de jovens e adultos. MACHADO, Maria Margarida (org.). II Seminário Nacional – Brasília: SECAD/MEC, UNESCO, 2008.

_____. Diretrizes Curriculares Nacionais educação de Jovens e Adultos. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. SP; Editora Ática, 2005.

Serviço Social da Indústria. Disponível em: <http://www.sesi.org.br> Acesso 23/09/2010.

Centro Pedagógico Pedro Arrupe. Disponível em: <http://www.pedroarrupe.com.br> Acesso 23/09/2010.

Biblioteca Virtual João Gonsalves de Mello. Disponível em: <http://bvjagm.fgf.org.br> Acesso 18/11/2010.

Associação Nóbrega de Educação e Assistência Social. Disponível em: <http://www.rhportal.com.br/artigos acesso 18/11/2010>

Enciclopédia Virtual. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/contrarreforma> Acesso 23/09/2010.

Enciclopédia Virtual. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/adlio_trento Acesso em [23/09/2010](#).

ANEXOS

Entrevista - Educador

1) Há quanto tempo trabalha na instituição?

2) Qual é a sua formação?

3) Ao longo da sua graduação ou da sua carreira profissional teve algum contato com Educação de Jovens e Adultos em algum momento?

4) Para você o que é a Pedagogia Inaciana?

5) Você acha que a Pedagogia Inaciana contribui para sua formação como educador(a) de EJA?